Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
Curso: Mídia, Informação e Cultura

Cultura popular no território digital: a música *Bum Bum Tam Tam* e o funk no Youtube

Bianca Alcântara

São Paulo
2020

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
Curso: Mídia, Informação e Cultura

Cultura popular no território digital: a música *Bum Bum Tam Tam* e o funk no Youtube

Trabalho produzido para a obtenção do título de especialização no curso de pós-graduação lato sensu Mídia, Informação e Cultura, do Centro de Estudos Latino Americano de Comunicação e Cultura da Universidade de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Fabiana Amaral

São Paulo
2020

Resumo

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar questões relacionadas à cultura, sob a perspectiva do funk paulista, e o entendimento da utilização do Youtube como um dos territórios deste ritmo. Para isso, o estudo de caso utilizado é a música “Bum Bum Tam Tam”, de autoria do funkeiro MC Fióti. A música em questão tem em seu sample a flauta da “Partita em lá menor”, de Johann Sebastian Bach, músico do século XVIII, e atinge a marca de videoclipe mais visto no Brasil, hospedado no canal da produtora de videoclipes de funk, Kondzilla. Para analisar essa música, é utilizado o conceito de Culturas Híbridas, de Néstor García Canclini (2019), com a finalidade de fugir de uma lógica maniqueísta sobre a interpretação de cultura, e Marilena Chauí (2006) quanto ao tema pertinente à cultura e à cultura popular. Nos conceitos sobre periférico e o histórico do funk paulista, os estudos do antropólogo Alexandre Barbosa Pereira (2014) são utilizados combinados com a conceitualização de território de Milton Santos (2012) e Walter Porto Gonçalves para pensar a ocupação do território enquanto elemento simbólico. Considerando a análise de tais informações, o tipo de pesquisa utilizada é a netnografia (2017), feita a partir de dados do ambiente digital. Dessa forma, reunindo tais teóricos, a presente pesquisa propõe se basear na hipótese de que o universo digital - o Youtube - é parte do território e da identidade do funk paulista e o recorde de visualizações se dá por carregar elementos característicos da cultura popular e da popularidade.

Palavras-chave: Funk. Cultura. Cultura Popular. Território. Digital.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar cuestiones relacionadas con la cultura, desde la perspectiva del funk paulista, y la comprensión del uso de Youtube como uno de los territorios de este ritmo. Para ello, el caso de estudio utilizado es la canción “Bum Bum Tam Tam”, escrita por el funker MC Fióti. La canción en cuestión tiene en su muestra la flauta de “Partita em lá menor”, de Johann Sebastian Bach, músico del siglo XVIII, y llega a la marca de videos musicales más vista en Brasil, alojada en el canal del productor de música funk Kondzilla. . Para analizar esta música se utiliza el concepto de Culturas Híbridas, de Néstor García Canclini (2019), para escapar de una lógica maniquea sobre la interpretación de la cultura, y Marilena Chauí (2006) sobre el tema relevante para la cultura y la cultura. cultura popular. En los conceptos de periférico y la historia del funk paulista, los estudios del antropólogo Alexandre Barbosa Pereira (2014) se combinan con la conceptualización de territorio de Milton Santos (2012) y Walter Porto Gonçalves para pensar la ocupación del territorio como un elemento simbólico. Considerando el análisis de dicha información, el tipo de investigación utilizada es la netnografía (2017), realizada a partir de datos del entorno digital. Así, reuniendo a tales teóricos, esta investigación se propone partir de la hipótesis de que el universo digital - YouTube - es parte del territorio y la identidad del funk paulista y el registro de

visiones se da por portar elementos propios de la cultura popular y de la popularidad.

Palabras clave: Funk. Cultura. Cultura popular. Territorio. Digital.

Abstract

This research aims to analyze issues related to culture, from the perspective of São Paulo funk, and the understanding of the use of Youtube as one of the territories of this rhythm. For this, the case study used is the song “Bum Bum Tam Tam”, written by funker MC Fióti. The song in question has in its sample the flute of “Partita em lá menor”, by Johann Sebastian Bach, musician of the 18th century, and reaches the most viewed music video brand in Brazil, hosted on the channel of the funk music producer Kondzilla . To analyze this music, the concept of Hybrid Cultures, by Néstor García Canclini (2019), is used, in order to escape from a Manichaean logic about the interpretation of culture, and Marilena Chauí (2006) regarding the theme relevant to culture and culture. popular culture. In the concepts of peripheral and the history of São Paulo funk, the studies of anthropologist Alexandre Barbosa Pereira (2014) are used combined with the conceptualization of territory by Milton Santos (2012) and Walter Porto Gonçalves to think of the occupation of the territory as a symbolic element. Considering the analysis of such information, the type of research used is netnography (2017), made from data from the digital environment. Thus, bringing together such theorists, this research proposes to be based on the hypothesis that the digital universe - YouTube - is part of the territory and identity of São Paulo funk and the record of views is given by carrying elements characteristic of popular culture and popularity.

Keywords: Funk. Culture. Popular culture. Territory. Digital.

SUMÁRIO

1 Introdução **6**

2 Problematização e fundamentação teórica **8**

4 A cultura em relação: para além da cultura popular e cultura erudita **11**

4.1 Cultura: dimensões e disputas 11

4.2 Culturas Híbridas e Transnacionais 14

5 Funk como cultura popular e o digital como território **16**

6 Análise das interações no campo digital **19**

7 Considerações finais **26**

BIBLIOGRAFIA **28**

1 Introdução

A temática escolhida para a produção desta pesquisa nasceu depois de muitas idas e vindas sobre dedicar um estudo ao funk. As opiniões sobre ele não habitam no campo da neutralidade, são categóricas. O noticiário na grande mídia estampa majoritariamente o lugar da criminalização ou das polêmicas sobre o movimento[1]. As batidas são envolventes e dialogam com pelo menos 20 milhões de pessoas[2]- jovens e periféricos em sua maioria.

Conhecido no universo musical como MC Fióti, Leandro Aparecido Ferreira, é um jovem nascido em uma região periférica da zona sul da cidade de São Paulo. Se firma no movimento funk como cantor, produtor e compositor. Atualmente é contratado da Kondzilla Records[3].

Improvável é a narrativa do videoclipe da música "Bum Bum Tam Tam", do MC Fióti. Envolvidos por uma aura do que poderia ser popularmente entendido como um cenário árabe, com odaliscas, uma múmia, sarcófagos, um músico estilo gênio da lâmpada reproduzindo o som de uma flauta; depois, num segundo take, o próprio MC encantando mulheres em um parque com o som da sua flauta. Essa flauta reproduz "Partita em lá menor", de Johann Sebastian Bach (século XVIII).

Com quantas culturas e miscelâneas se produz um hit na internet? O que é necessário para fazer uma música funk "estourar"? Para o MC Fióti e a produtora responsável por sua distribuição, a Kondzilla, foram muitas culturas envolvidas nesse videoclipe, mas o que se sobressai é a maneira como a música foi facilmente incorporada pelo público, uma vez que assume o record de reprodução brasileira na plataforma de vídeos online, o Youtube.

Essas são algumas das características visíveis para qualquer pessoa que digitar "Bum Bum Tam Tam" na busca do Youtube. Porém, esta pesquisa busca investigar os dados e os elementos para explicar o alcance que esta produção teve, lançada em 8 de março de 2017, há três anos, e até agora continuar promovendo interação e engajamento dos mais diferentes públicos.

Enquanto deixava o inevitável ritmo do funk embalar os dias de pesquisa, buscou-se caminhos para compreender esse sucesso. Primeiro, procurando

---

[1] https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/ acesso em 20 de setembro de 2020
[2] https://midianinja.org/brunoramos/te-desafio-a-conhecer-o-funk/ acesso em 19 de novembro de 2020
[3] Site oficial da gravadora e produtora, com a relação de artistas contratados: <https://kondzilla.com/artistas-2/records/>

compreender a diferença da música popular e da música erudita, pois o funk em questão fez uso de uma composição em flauta de Bach, do século XVIII. Esse caminho prontamente mostrou-se que analisar essa dualidade poderia limitar a análise à uma visão binária ou maniqueísta sobre cultura. Então, ao iniciar com essa negação sobre o que não se queria pesquisar, nasceu a proposta desta pesquisa.

Tratando-se de um estudo no campo da cultura, faz-se necessário definir a forma e o viés que alguns conceitos serão abordados a seguir. O conceito de "cultura" possui interpretações distintas, por esse motivo, é importante destacar algumas questões e conceitos a serem trabalhados.

Definir um conceito não é uma tarefa fácil e nem de longe esse artigo se propõe a esta árdua missão; mas pensar os formatos e seus usos para a compreensão de situações por meio de teorias é o caminho no qual este trabalho se debruça ao pensar na cultura popular por meio do funk paulista, utilizando Nestor Garcia Canclini por meio dos conceitos de Culturas Híbridas, em livro homônimo de 1989 (mas utilizando a edição publicada em 2019), e Culturas Transnacionales y Culturas Populares, também homônimo, publicado em 1988.

O desafio de dialogar com termos caleidoscópicos - como cultura e popular - pressupõe uma etapa de interpretação de cada conceito conforme sua aplicabilidade. Dessa forma, antes de iniciar qualquer discussão acerca do estudo de caso proposto, aponta-se uma etapa anterior de apresentação e reflexão sobre o uso de cada conceito utilizado nesta pesquisa.

Para cultura popular, as teorias sistematizadas por Marilena Chauí no livro Cidade Cultural e Direito à Cultura, de 2006, também ancora a chave analítica a ser utilizada. Para um histórico do movimento funk e análises sobre as culturas periféricas, o antropólogo urbano, Alexandre Barbosa Pereira, com um artigo tratando sobre o movimento.

Desta forma, esta pesquisa não trata ou aborda como primazia a oposição e/ou uma dualidade no conceito de cultura. A definição sobre popular e erudito não habita nestas linhas, menos ainda avalia a capacidade cultural do ritmo funk. Não se trata disso. Trata-se de entender de qual maneira o funk se expressa na ocupação do território digital. Esta é a pesquisa que se dá a seguir. A sistematização das interações nos comentários do videoclipe na plataforma do Youtube. Ou seja, parte da compreensão do ambiente digital - mais especificamente o Youtube - como um território do funk. E entendê-lo como popular é parte dos dados, pois, mais de 1

bilhão e meio de visualizações, aparentemente, representa uma popularidade inquestionável.

2 Problematização e fundamentação teórica

As questões colocadas aqui propõem investigar a relação cultural do funk e sua relação com o popular, de acordo com a) uso da flauta de Bach na música “Bum Bum Tam Tam” (2017) e b) a audiência do videoclipe no Youtube mais assistido no Brasil e c) relação da internet como parte do território do funk paulista, por meio de análise dos comentários sobre o videoclipe nas interações no Youtube.

Apoiado nos conceitos de culturas híbridas e culturas transnacionais (CANCLINI, 1988), cultura popular (CHAUÍ, 2006), e histórico do funk (PEREIRA, 2014). Pretende-se ainda abordar o conceito de território e entender funk como cultura popular, que propõe novos paradigmas culturais.

Parte-se do entendimento de cultura como paradigma, ideologia, representação e processos simbólicos. E compreender quanto dessas suposições se fortalecem ou sucumbem.

As perspectivas culturais, o universo digital e a comunicação como território cultural são necessárias para compreender a questão levantada, uma vez que “a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis, cuja interpretação pelo intelectual, pelo artista e pelo povo coincidem” (CHAUÍ, 2006).

Pretende ainda, debruçar-se sobre o conceito de Netnografia para embasar a hipótese inicial e dialogar com as produções audiovisuais do funk no Youtube, utilizadas em conjunto para uma análise dos conceitos interpretativos propostos.

Desta forma, a análise se dá da seguinte maneira: filtrando os comentários no videoclipe. Tal escolha metodológica acontece pensando que o Youtube é um espaço de pertencimento para a cultura do funk paulista e de extrema relevância para o estudo.

No videoclipe, os comentários selecionados serão aqueles que demonstram conexão com a música apresentada, aqueles que enaltecem a música e utilizam gírias características para demonstrar o contentamento com a produção e o sucesso que ainda a ronda mesmo após três anos de lançamento.

A caixa de comentários continua sendo um lugar onde os indivíduos dialogam, se identificam e interagem. Majoritariamente, são comentários de enaltecimento, mas há quem rejeite a mistura musical e cultural - o funk e a música clássica.

> Existem resistências a aceitar estas e outras formas de hibridação porque geram insegurança nas culturas e conspiram contra sua auto-estima etnocêntrica. Também é desafiador para o pensamento moderno de tipo analitico, acostumado a separar binariamente o civilizado do selvagem, o nacional do estrangeiro, o anglo do latino (CANCLINI, 1989, p.XXXIII)

O conflito entre culturas é esperado quando se aprende e reproduz um pensamento binário sobre essa temática. A hibridação entre culturas propõe justamente uma superação desse pensamento, sem trazer respostas prontas, mas reflexões sobre uma nova chave interpretativa. Desta forma, propõe-se que esta música e videoclipe, utilizando a flauta de Bach para a base deste funk, é uma possibilidade de hibridação que supera o maniqueísmo, pois as buscas artísticas são chaves nessa tarefa, se conseguem ao mesmo tempo ser linguagem e ser vertigem." (CANCLINI, 1989, p. XL)

A página da produtora Kondzilla, canal responsável pela produção e também hospedeiro do videoclipe, é um outro aporte interessante. Possui um conteúdo que faz com que esta página tenha a marca de 64 milhões de seguidores. O número é expressivo e as estratégias de comunicação adotadas pela Kondzilla dialogam com o público desta página, criando conteúdos que falam prioritariamente sobre o funk, mas também de aspectos que são caros para este movimento cultural. Tais conteúdos e engajamentos, reforçam a hipótese de que a plataforma digital de vídeos, Youtube, é parte do território do movimento funk em São Paulo.

3 Breve histórico do movimento funk em São Paulo

Falar do funk paulista na contemporaneidade passa por ressignificações. Antes ancorados na subalternidade, hoje enaltecem dois elementos dentro do movimento musical: a ostentação e o recurso audiovisual.

O subgênero ostentação, se popularizou no movimento funk em meados dos anos 2010 e tem relação direta com uma auto afirmação que condiciona o acesso à bens de consumo com a superação de uma vida precarizada e o sucesso em uma

sociedade capitalista - o que Pierre Bourdieu classifica como capital simbólico, capital cultural, capital social:

> O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais - quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural - de que são, supostamente, a garantia - propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 1979, p.02)

Desta forma, o funk ostentação paulista é representado quando o indivíduo utiliza adornos caros (carros, jóias, mansões) e, está fortemente retratado em produções audiovisuais. Ou seja, o que marca a entrada desses funkeiros no movimento ostentação é o uso de letras que relatam um estilo de vida luxuoso, mas a imagem que coroa todo esse capital descrito nas letras.

Na publicação "*Funk Ostentação em São Paulo: Imaginação, Consumo e Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação"*, o antropólogo urbano, Pereira (2014) descreve características de "transição" do funk proibidão (conhecido por letras de exaltação ao crime organizado) para o funk ostentação: a diminuição radical das referências diretas à criminalidade, por um lado, e, por outro, a adoção constante e intensa da temática do consumo e das marcas.

Neste universo, então, falar de funk ostentação é também falar sobre a repercussão audiovisual:

> (...) outra característica importante: o uso das novas tecnologias e do audiovisual como meio de produção e difusão das criações musicais. Com isso, além de uma rápida e intensa divulgação, muitos dos videoclipes de funk ostentação já passaram dos dez milhões de exibições, há uma preocupação muito grande com a produção da imagem. Eles não apenas cantam os bens de consumo e marcas, mas também os exibem nos videoclipes. (PEREIRA, 2014, p. 6)

Desta forma, a produtora e gravadora Kondzilla tem notória participação no movimento, detentora das produções de maiores visualizações pelo público. Inclusive, "tem um canal no youtube que reúne 60,5 milhões[4] de inscritos e os clipes

[4] <https://www.youtube.com/user/CanalKondZilla> acessado em 25 de setembro de 2020. Dado referente ao artigo de 2014. Em pesquisa recente,, em 20 de novembro de 2020, esse número está em 64 milhões.

dirigidos por Kondzilla são vistos como primeiro passo para o sucesso" (PEREIRA, 2014).

Assim, é relevante falar sobre a produção de videoclipes para compreender de forma mais ampla como o ritmo funk pode ser lido na chave da cultura popular. Desta forma, o fato do vídeoclipe "Bum Bum Tam Tam" possuir mais de 1,5 bilhão[5] de acessos e ser o vídeo mais visto[6] na plataforma Youtube demonstra quais são os hábitos de consumo deste movimento cultural. E, falar de hábito, é falar sobre a compreensão e a influência comportamental que o movimento traduz na relação com a cultura.

4 A cultura em relação: para além da cultura popular e cultura erudita

4.1 Cultura: dimensões e disputas

A cultura comporta em sua definição uma infinidade de possibilidades e, ao mesmo tempo, não é capaz de definir nada em absoluto sem partir de um referencial. A palavra cultura, designa, inicialmente, cultivo - colere. Se pensarmos sob essa perspectiva, é necessário compreender qual é o "cultivo" que as sociedades realizam.

Constituída de símbolos e signos, as culturas nas sociedades atribuem os sentidos de cada elemento para si. Assim, definir o que é ou não cultura não possui fronteiras explícitas. Há, ainda, paradigmas que permeiam essas fronteiras. Para o antropólogo Clifford Geertz (1973):

> Olhar as dimensões simbólicas da ação social - arte, religião ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum - não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida por algum domínio olímpico de formas não-emocionais; é mergulhar no meio deles (1973. p. 30)

A cultura é inerente à existência humana, conectada por símbolos em uma teia de relações codificadas pela roupa, interação, idioma, religião, etc. É, ainda, uma intenção decodificada uma vez que o sentido é a validação de acordo com as

[5] <https://www.youtube.com/watch?v=_P7S2lKif-A> acessado em 25/9/20
[6]<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2018/09/15/como-bum-bum-tam-tam-de-mc-fioti-se-tornou-o-1o-clipe-brasileiro-a-alcancar-1-bilhao-de-views-no-youtube.ghtml> acessado em 25/9/20

perspectivas estruturais. Nesse ínterim, são nas formas simbólicas que há uma disputa de sentidos.

A cultura é um fenômeno inerente ao ser humano e possui características diversas em sua natureza e forma de se organizar em sociedade. Para Edward Thompson (2011), as ideologias podem ser vistas “como ‘sistemas de pensamento’, ‘sistemas de crenças’, ou ‘sistemas simbólicos’, que se referem à ação social ou a prática política.” (2011. p.14).

Pensar a cultura como uma teia de significados, como apresenta Geertz (1973), ou uma forma ideológica sustentada por sistemas de significados, como apresenta Thompson (2011), abre margem para interpretar os aspectos culturais como parte fundamental de contextos sociais, políticos e econômicos.

As teorias sobre hibridação cultural, expostas por Canclini (2019), tratam sobre potencialidades reativas em oposição ao binarismo e a homogeneização cultural. Em *“Culturas Transnacionales y Culturas Populares”* (1988), Canclini apresenta a teoria também sob uma perspectiva dos estudos culturais latinoamericanos. E, convivendo com um sistema capitalista que prima a hegemonia, as culturas locais são vistas como movimentos de resistência e resgate da própria história e memória. O que se deve lembrar, é que os modelos culturais latinos, sempre sofreram apagamento histórico, foram saberes colonizados, apagados e/ou cooptados por uma colonização de exploração.

> Al negar la inocencia de la "Modernidad" y al afirmar la Alteridad de "el Otro", negado antes como víctima culpable, permite "des-cubrir" por primera vez la "otra-cara" oculta y esencial a la "Modernidad": el mundo periférico colonial, el indio sacrificado, el negro esclavizado, la mujer oprimida, el niño y la cultura popular alienadas, etcétera (las "víctimas" de la "Modernidad") como víctimas de un acto irracional (como contradicción del ideal racional de la misma Modernidad). (...) De esta manera, la razón moderna es trascendida (pero no como negación de la razón en cuanto tal, sino de la razón violenta eurocéntrica, desarrollista, hegemónica). Se trata de una "Trans-Modernidad" como proyecto mundial de liberación donde la Alteridad, que era co-esencial de la Modernidad, se realice igualmente. (DUSSEL, 2000. p.30)

Contudo, o dilema da cultura é, sobretudo, o fato de ser interpretada como culturas. O conceito no plural é a chave da diversidade que re-existe como um movimento de resistência frente ao poder hegemônico global. As culturas originárias latino-americanas se constituem de uma questão identitária local.

Para interpretar a diversidade cultural latino-americana, por exemplo, é necessário relembrar que se constituem em oposição à herança colonizadora europeia e, na contemporaneidade, de uma ideologia econômica global que suprime as diferenças e aponta a diversidade cultural como um dilema. Para o professor e doutor em comunicação, Alexandre Barbalho, a cidadania "para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim, ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não feita pela maioria." (BARBALHO. 2005. p. 37)

Segundo Chauí (2006), "o popular permite elaborar outra idéia da nação e, portanto, do nacional." (CHAUÍ. p. 21) Desta forma, propõe a análise do popular como uma reivindicação de pertencimento e identidade:

> Tanto o adjetivo "nacional" como o "popular" reenviam a maneiras de representar a sociedade sob o signo da unidade social, isto é, nação e povo são suportes de imagens unificadoras, quer no plano do discurso político e ideológico, quer no das experiências e práticas sociais. (CHAUÍ. 2006. p. 21)

São essas subjetividades que permeiam o ritmo funk e possibilitam interpretá-lo na chave da cultura popular, pois representa por meio de suas letras e ações, uma série de símbolos que amarram uma teia cultural com significados e representações e a internet permite fortalecer os aspectos simbólicos deste ritmo.

4.2 Culturas Híbridas e Transnacionais

Conhecido no universo musical como , Leandro Aparecido Ferreira, é um jovem nascido em uma região periférica da zona sul da cidade de São Paulo. Se firma no movimento funk como cantor, produtor e compositor. Atualmente é contratado da Kondzilla Records[7].

Dentre as produções musicais de MC Fióti, a que ganhou notoriedade e o projetou nacional e internacionalmente, foi a faixa "Bum Bum Tam Tam". Ainda como cantor independente na cena, foi toda gravada em casa e produzida em um computador simples, como relatou o artista em entrevista concedida ao G1[8], portal de notícias da Rede Globo de Comunicações.

---

[7] Site oficial da gravadora e produtora, com a relação de artistas contratados: <https://kondzilla.com/artistas-2/records/>

[8] https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Criada e produzida pelo funkeiro paulista MC Fióti, a música tem sua narrativa cercada por elementos simbólicos culturais diversos. Basicamente, a letra descreve uma flauta mágica, nas palavras de Fióti, "envolvente", que encanta mulheres e provoca nelas um sentimento inevitável de envolvimento com a dança que seu ritmo sugere. *"É a flauta envolvente que mexe com a mente de quem tá presente / as novinhas salientes, ficam louconas e se jogam com a gente / Aí, eu falei assim pra ela: / Vai vai com o Bum Bum Tam Tam, Vem Vem mexe o Bum Bum Tam Tam"*

No entanto, o que faz uma letra curta e, aparentemente, de fácil assimilação um sucesso de audiência fora da mídia hegemônica como o videoclipe[9] mais assistido no canal de streaming Youtube?

O clipe que ilustra a música possui 1,4 bilhões de visualizações, trazendo a marca de mais visto no país[10]. A base da música é o sample de uma sinfonia de Johann Sebastian Bach. O compositor e músico alemão viveu no século XVIII e foi responsável por uma série de sinfonias e conceituações no universo musical erudito. É neste ponto que o compositor brasileiro encontra o compositor alemão em meio a esta análise. E, neste sentido, Néstor García Canclini nos lembra que as "culturas populares se forman por la conservación de tradiciones en las que los pueblos condensan su visión del mundo y encuentran su identidad." (1988. p. 49)

A flauta extraída de Partita em lá menor, de Bach, serviu de pano de fundo para a música de batida funk. Os processos de hibridação nesta música é a hipótese pela qual se desdobra. Pois, pensando em movimentos culturais, segundo Canclini (2019), "temos que responder à pergunta de se à maior variedade de bens, facilitado pelo movimentos globalizadores, democratiza a capacidade de combiná-los e de desenvolver uma multiculturalidade criativa". (CANCLINI, 2019. p. XVIII).

> Alguns atores sociais encontram, nesses processos, recursos para resistir à globalização ou modificá-la e repropor as condições de intercâmbio entre culturas. Mas o exemplo das hibridações musicais, entre outros, evidencia as diferenças e desigualdades que existem

[9] É importante salientar que nesta análise, não se pretende desdobrar sobre a semiótica demonstrada no videoclipe, nem sobre a personalidade e relevância de MC Fióti como um porta voz do funk paulista, longe disso. Mas, sim, me ater às questões que fizeram essa música ter esse alcance.

[10] <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/com-videos-de-funk-kondzilla-se-torna-o-maior-canal-do-youtube-no-brasil.shtml >

> quando elas se realizam nos países centrais ou nas periferias. (CANCLINI, 2009, p. XXX)

É possível observar os conceitos de hibridação proposta por Canclini (2019) no videoclipe da música analisada. Os elementos audiovisuais propostos no videoclipe são curiosamente interessantes pensando na miscelânea de referências e símbolos que eles trazem. O videoclipe hospedado na plataforma do Youtube, que carrega todos esses elementos, é um condutor para uma interação entre os usuários que consomem a música funk, não só enquanto público, mas enquanto indivíduos ativos que fazem com que a cultura se fortaleça.

> (...) o mundo globalizado frequentemente desaloja a ideia original de territorialidade, e com isso é afetada a noção de identidade associada à partilha de crenças e sentidos comuns. Os poucos fragmentos escritos de uma história das hibridações puseram em evidência a produtividade e o poder inovador de muitas misturas interculturais. (CANCLINI. 2009. p. XXII)

Assim, considerando a reflexão a partir do autores, o Youtube pode ser visto como um dos territórios do movimento funk, neste caso, um território digital, pois torna-se um espaço onde mais de 1 bilhão e meio de pessoas puderam ouvir e ver a hibridação cultural da música “Bum Bum Tam Tam”, a qual permanece até hoje - após três anos de lançamento - reunindo comentários de indivíduos que interagem com a música no canal onde está.

5 Funk como popular e o digital como território

O conceito de cultura popular perpassa dois contextos distintos (mas similares, no fim): popularidade pelo alcance que públicos que esse “popular” acessa; quanto pelo popular no sentido de produto advindo do povo, da população minorizada.

A relação que aqui se propõe entre o funk, o território e o digital só é possível ser explicada quando se entende tais elementos como conceitualizações simbólicas. Milton Santos, notório geógrafo marxista, relaciona territorialidade e cultura, ao demonstrar a maneira como o mercado e o espaço são forças modeladoras da sociedade (p.80, 2012), criticando o poder hegemônico e a intencionalidade em invisibilizar culturas.

> Assim como cidadania e cultura formam um par integrado de significações, assim também cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos. A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do próprio processo de viver. (SANTOS, 2012. p.81)

O que Milton Santos coloca faz referência ao lugar territorial físico e suas relações simbólicas. Porém, a proposta desta pesquisa é pensar nessas relaçoes simbólicas transportadas para o territória imaterial da internet e entender que tais elementos e conceitos também permeiam essa ocupação do Youtube, por meio do canal da produtora Kondzilla, que congrega àqueles que gostam do ritmo funk, *online* e *offline*.

Assim, para pensar em novas formas de refletir o território, o também geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves, propõe a teoria de novos territórios como parte do movimento da geografia:

> São novos territórios epistêmicos que estão tendo que ser reinventados juntamente com os novos territórios de existência material, enfim, são novas formas de significar nosso estar-no-mundo, de grafar a terra, de inventar novas territorialidades, enfim de geo-grafar. (2002. p. 226)

A hipótese desta pesquisa propõe, então, que parte do território do funk paulista se dá por meio do universo digital - Youtube. E entendê-lo na lógica do popular por meio da alta visibilidade dos vídeos uma vez que “o popular na cultura significa, portanto, a transfiguração expressiva de realidades vividas, conhecidas, reconhecíveis e identificáveis, cuja interpretação pelo intelectual, pelo artista e pelo povo coincidem” (CHAUÍ, 2006).

E, para isso, mais uma vez é necessário retomar o que se faz em oposição à cultura popular, como a hegemonia - uma ferramenta de dominação no qual um classe dominante utiliza de ferramentas para perpetuar seu poder e sua dominação. A comunicação, representada pela mídia, por sua vez, se mostra como um dos condutores de discursos que perpetuam a hegemonia. Nesse sentido, o elemento símbolo de dominação passa a ser a cultura; E entre tantos significados e interpretações possíveis, pode ser associada ao elemento ideológico:

> Entendemos por hegemonía diferencia de la dominación, que se ejerce sobre adversanos y mediante la violencia- un proceso de dirección política e ideológica en el que una clase o sector logra una apropiación preferencial de las instancias de poder en alianza con otras clases admitiendo espacios donde los grupos subalternos desarrollan prácticas independientes y no siempre "funcionales" para la reproducción del sistema. (CANCLINI, 1988, p. 22)

Para tal questionamento, Alexandre Barbalho (2005) acrescenta:

> (...) é a mídia que nos dias de hoje detém o maior poder de dar a voz, de fazer existir socialmente os discursos. Então, ocupá-la torna-se a tarefa primordial da política da diferença, dando vazão à luta das minorias (...) poder falar e ser ouvida.” (2005. p. 35)

Os grupos subalternizados não são compostos por sujeitos inertes frente ao poder hegemônico. E, nesse sentido, Raquel Paiva (2005) lembra que “Em síntese, a mídia responsabiliza-se hoje por todas as mediações sociais, é ela que regula a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares.” (PAIVA, 2005)

O que é, então, cultura popular para Antonio Gramsci, questiona Marilena Chauí (2006):

> (...) o termo possui vários significados simultâneos e é, por isso, multifacetado. Significa, por exemplo, a capacidade de um intelectual ou de um artista de apresentar idéias, situações, sentimentos, paixões e anseios universais que, por serem universais, o povo reconhece, identifica e compreende espontaneamente (é o caso de Shakespeare). Significa também a capacidade para captar no saber e na consciência populares instantes de revelação, que alteram a visão de mundo do artista ou do intelectual, os quais, não se colocando em uma atitude paternalista ou de tutores do povo, transformam em obra o conhecimento assim adquirido (...). Significa, ainda, a capacidade para transformar situações produzidas pelas condições sociais em temas de crítica social identificável pelo povo. Significa, por fim, a sensibilidade capaz de “ligar-se aos sentimentos populares”, exprimi-los artisticamente, não interessando, aqui, qual o valor artístico da obra (...). (CHAUÍ, 2006, p. 19)

E, para Canclini (1988):

> La cultura popular está menos en la conciencia, en el sentido intelectual, que en el modo de vida, en las prácticas de producción y consumo. Si queremos intervenir en ellas mediante la promoción cultural y la acción política necesitrunos revisar las concepciones más difundidas acerca de la recepción: la teoría marxista sobre ideología y los estudios conductistas sobre los "efectos" de la comunicación masiva. (CANCLINI, 1988, p. 65)

Assim, por meio da comunicação que o funk pode ser lido na chave interpretativa do popular e o digital como seu território, pois “a associação do funk paulista às novas tecnologias possibilita estabelecer uma discussão mais ampla sobre as produções culturais jovens que cada vez mais transcendem as fronteiras das localidades onde foram criadas.” (PEREIRA, 2014).

O digital é, então, um território de representação da cultura do funk paulista. É o canal pelo qual o funk marca seu espaço cultural, considerando que:

> O YouTube é uma das mídias sociais mais utilizadas no Brasil. De acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, a plataforma está em terceiro lugar entre os sites de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas mais utilizados pelos brasileiros (BRASIL, 2014 apud CORREA, 2018).

Desta forma, não é necessariamente um espaço de disputa de narrativas, mas um espaço de enaltecimento desta cultura, deste ritmo. Assim, observa-se que o Youtube é um lugar de ocupação territorial dos funkeiros paulistas. É o lugar onde a existência é marcada dentro do movimento. E o “existir” está na lógica da ostentação ser uma característica necessária de ser mostrada. Para ser parte disso, precisa estar em lugar que demonstre isso, usando ferramentas e recursos que tragam visibilidade.

O videoclipe se apresenta como uma ferramenta de afirmação dentro do próprio grupo. É um elemento de grande relevância para o ritmo. Assim, o videoclipe é a chave que baliza o movimento funk, pois é por meio dela que esta cultura se marca e utiliza de recursos para mostrar que ostenta poder, dinheiro e sexualidade.

6 Análise das interações no campo digital

Para a análise do envolvimento e o entendimento do Youtube como uma extensão do território do funk, foram selecionados alguns comentários que demonstram a identificação com o ritmo, levando em consideração que a plataforma é uma comunidade virtual com possíveis adeptos do movimento funk.

No canal da Kondzilla, é possível observar dialetos, gírias e interações que caracterizam uma comunidade, pois de algum forma podem ser lidas como uma extensão da sociabilidade. Neste contexto surge a netnografia como uma observação participante do campo online, proposta teórica publicada em 2017 por

Helen Rozados e Maurício de Vargas Corrêa (2017) - pesquisadores da área de Ciência da Informação.

Contudo, o método netnográfico foi escolhido como referencial teórico-metodológico, pois “adapta técnicas, procedimentos e padrões metodológicos tradicionalmente empregados na etnografia para o estudo de culturas e comunidades emergentes na Internet.” (CORRÊA, 2017. p. 2)

O fazer etnográfico reúne ferramentas de profunda relevância para a produção de uma pesquisa de campo. Porém, carregar tais elementos antropológicos para o ambiente digital é uma tarefa complexa. O digital pode ser visto como extensão da sociabilidade humana. Em tempos de redes sociais, o uso da internet traz e cria comunidades para o ambiente digital.

> Desde o seu início, a etnografia tem se preocupado com o estudo de culturas e comunidades humanas situadas em locais geograficamente delimitados. Contudo, o desenvolvimento, a popularização e a apropriação das novas tecnologias da informação e da comunicação possibilitaram a formação de outras formas de agregação social: as chamadas comunidades virtuais, online ou eletrônicas. O surgimento e o crescimento das agregações sociais do ciberespaço exigiram uma remodelação do método etnográfico a fim de captar as novas formas de socialização constituídas no ambiente digital. (CORRÊA, 2017.p.3)

E, como campo de pesquisa, pressupõe uma vastidão de dados, mas que assim como a vida *in loco* é necessário filtrar quais códigos são fundamentais enquanto respostas das hipóteses levantadas. Assim, “a netnografia é uma adaptação da pesquisa etnográfica que leva em conta as características dos ambientes digitais e da comunicação mediada por computador.” (CORRÊA, 2017. p. 2)

Como qualquer ambiente virtual, há pessoas contrárias àquilo está publicado e que destilam ódio e menosprezam o sucesso da música e/ou questionam o fato de ter “maculado” a flauta de Bach misturando-a com o funk, mas há uma maioria de comentários que demonstram aprovação e um diálogo entre aqueles que valorizam a música. Inclusive há uma série de usuários estrangeiros, de diversas nacionalidades, interagindo de maneira elogiosa com a música - isso também é um elemento que demonstra seu alcance, mas pelo caráter desta análise foram priorizadas as interações nacionais.

Em um universo de 374.707 comentários[11], foram selecionados uma amostragem de 27 comentários que interagem de maneira positiva com a música e o videoclipe, seja se reconhecendo no território, falando sobre hábitos e sobre si e/ou sobre o ritmo. Tais interações são depositadas nesta rede como “uma troca, um diálogo, uma marca de expressão linguística e social de quem passou por aquele território, são rastros deixados pelos usuários em suas apropriações tecnológicas.” (CORRÊA, 2017. p.7)

Então, abaixo podem ser vistos em ordem cronológica decrescente:

[11] último acesso em 21 de novembro de 2020

Jpn htmb 2 meses atrás (editado)
Nunca imaginei que um funk, seria a primeira música brasileira a chegar em 1 bilhão de visualizações!

Edit: valeu pelos likes gente, vocês são demais 😎

1,8 mil RESPONDER

Ver 91 respostas

Joyce Maria 1 mês atrás
O primeiro funkeiro brasileiro a ganhar essa marca de visualizações

947 RESPONDER

Ver 47 respostas

Henryke Sousa 1 mês atrás
essa música faz parte da história do funk, slc surreal

1,6 mil RESPONDER

Ver 59 respostas

JN SILVA ✓ 1 mês atrás
1,6 BILHÕES ATÉ FINAL DO ANO🙏

2,9 mil RESPONDER

Ver 80 respostas

Lidya Lima 2 semanas atrás
Esse funk é uma relíquia nunca será esquecido!!

260 RESPONDER

Ver 13 respostas

4k OPRO 1 semana atrás
Quem tá em 2020 nessa pandemia
Vendo essa relíquia dos funk

149 RESPONDER

Ver 7 respostas

ALMEIDA Ff09 1 semana atrás

1,5 Bi Mano que isso que música

3 RESPONDER

Bandido Jd 1 semana atrás (editado)

Antes eu gostava dessa música mais agr, tá igual antes

48 RESPONDER

Ver 6 respostas

Rush Severo 1 semana atrás

Daqui há 10 anos ainda vou está aqui ouvindo pelo Youtube 😎

2 RESPONDER

Ivanna Moura 1 semana atrás

voltando pra ver essa relíquia haha 1bi vei
da na cara desse povo preconceituoso kkk q n gosta de funk, e logo funk chega nesse viws 😂😂 atura ou surtaaaaaa

3 RESPONDER

João Manoel 1 semana atrás

Depois de 3 anos eu vim parar aqui de novo...

RESPONDER

DJ YAGO VALADARES 1 semana atrás

Kondizilla ficou rica só com essa música kkkk bilhões de visu

1 RESPONDER

CFE ALFA FF 1 semana atrás

Kralho menó, mais de 1 país viu a música do Fioti , 1 bilhão de visualizações não é pra qualquer um não mano, parabéns pelo sucesso KondZilla🤜🤛

5 RESPONDER

Ver 4 respostas

Lidya Veras 6 dias atrás

Amo essa música❤

1 RESPONDER

Junior Patricio 6 dias atrás

Gente, voltem aqui todo dia, pra esse hino não perder o primeiro lugar! ;)

7 RESPONDER

Ver 2 respostas

O Carinha Qui Mora Ali 6 dias atrás

Mano to aqui pra falar que nunca vou enjoar desse funk brabo, sempre vou vim aqui enqunto estiver vivo escutar e ver as visualizações

5 RESPONDER

Isabela Souza 5 dias atrás

O Brasil inteiro já sabia que essa era hit

197 RESPONDER

Ver 16 respostas

-Felipe - 3 dias atrás

Quem tá aque hj pq essa música não importa o tempo que passe é boa 👇

251 RESPONDER

Ver 4 respostas

A seleção destes comentários demonstra, em certa medida, algumas das formas de comunicação desta comunidade:

> Quando não é possível trabalhar com todo o site, blog ou fórum, alguns pontos dinâmicos de interação podem ser selecionados, como os comentários realizados no ambiente estudado, transcrições de entrevistas obtidas via contato estabelecido no site, anotações realizadas em encontros face a face promovidos pelos participantes da pesquisa e gravações de vídeo em situações de uso do computador durante as interações sociais na Internet. (CORRÊA,

2017.p. 9)

Neste caso, valorizam o trabalho do MC e lembram que o funk representa o Brasil no ranking de acessos. Além do fato de que é possível pensar as interações por meio dos comentários, mas também por meio das respostas que há em cada um deles; há um diálogo, um campo de trocas, pois os comentários são destinados tanto para o videoclipe, mas respondendo uns aos outros.

Este fator pode ser um ponto crucial para fortalecer a teoria de que o Youtube é parte do território do movimento funk paulista. Uma vez que os comentários seguem há três anos uma linha crescente vertiginosa, assim como as visualizações no clipe. Essas interações são provocadas por quem se identifica com a música e o movimento.

Alguns dos comentários trazidos demonstram apenas uma colocação - “Muito amor por essa música”, “O Brasil inteiro já sabia que essa era hit”, “Amo essa música”. Há também quem chama para o diálogo: “Alguém vendo antes do 515 milhões?” “Alguém em 2020?”, “Quem tá em 2020 nessa pandemia / Vendo essa reliquia do funk [sic]”. Outros demonstram o que pode ser considerado parte do dialeto jovem e/ou abreviações para palavrões, mas que são utilizados como força de expressão. Há ainda quem se vê incrédulo com a marca alcançada - “Nunca imaginei que um funk, seria a primeira música brasileira a chegar a 1 bilhão de visualizações [sic]” - e quem incorporou tanto a música como um estilo de vida que a reproduza até no trabalho de parto - “Tô aqui na maternidade em trabalho de parto [símbolo de risada] com dor e dançando [símbolo de risada] [sic]”.

Vale destacar, também, que a maioria dos comentários têm um alto número de respostas de outros usuários da plataforma, demonstrando uma forma de diálogo e interação entre aqueles que compartilham o apreço pelo movimento.

Desta forma, esse recorte de comentários retirados da plataforma e analisados usando a metodologia da netnografia demonstram como a presença de possíveis adeptos do movimento funk é notória nas redes de comunicação digital e ultrapassam inclusive o recorte estadual proposto inicialmente, ao observar um comentário onde cita que a música chegou ao estado do Acre. Assim, o ambiente digital se mostra como um campo de interação e pertencimento desta prática cultural.

7 Considerações finais

Este artigo inicia trazendo algumas questões na dimensão da cultura, um breve histórico sobre o funk e uma teoria de que a mistura cultural do funk com a flauta de Bach pode ser considerada uma hibridação cultural, de acordo com Canclini (2019). Mas ainda, propõe, inicialmente, que parte do sucesso em acesso do videoclipe seja atribuído à essa hibridação.

Concomitante a isso, trouxe a questão sobre o funk ter parte do território representado no espectro digital, por meio da plataforma do Youtube. As questões chegaram nisso considerando o engajamento dos usuários na publicação que é recorde de visualizações brasileiras - com mais de 1,5 - mesmo passado três anos de lançamento; e o canal da produtora responsável pela hospedagem, ter aproximadamente 64 milhões de inscritos. São números expressivos que imediatamente trazem dados para a pesquisa: algo ali demonstra que há um sucesso permanente, pois a audiência é constante.

Quanto a isso, resgato mais uma vez o antropólogo argentino usado recorrentemente como aporte teórico neste trabalho:

> Os símbolos de prestígio que são menos encontrados na cultura clássica (livros, quadros, concertos) são transferidos aos saberes tecnológicos (computação, sistemas), ao equipamento doméstico suntuoso, aos lugares de lazer que consagram a aliança das tecnologias avançadas com o entretenimento (CANCLINI, 1989. p. 357)

Sobre a hibridação, Canclini (2019) descreve que com a passagem da tradição à modernidade, as representações culturais buscam “naturalmente” outros espaços que não àqueles considerados formais, mas espaços de lazer e nos espaços digitais onde os espaços são relativamente democráticos, sem uma necessária disputa binária e/ou hierárquica, porque “em geral todos reformulam seus capitais simbólicos em meio a cruzamentos e intercâmbios.” (CANCLINI, 1989, p. 354)

O que se apresenta neste artigo sobre a hibridação é o entendimento de que as misturas culturais são processos que fazem parte do paradigma da modernidade. E, mais do que isso, de maneira prática, utilizam novas ferramentas trazidas com essa modernidade para se afirmaram e resistirem em um espaço onde possam sobreviver culturalmente.

O funk paulista é um movimento que pode ser considerado estabelecido. Os inscritos no canal da Kondzilla demonstram isso, assim como conteúdo publicado ali também; que talvez não seja possível mapear o que começou primeiro: os conteúdos trouxeram o público para aquele espaço ou o público habitou primeiro aquele espaço a produtora respondeu produzindo aquilo que já era caro ao movimento fora dessas fronteiras digitais.

Assim como o videoclipe de “Bum Bum Tam Tam”. Não é possível afirmar se o sucesso da música se deu por conta da hibridação - a mistura do popular com o clássico. Mas agora é um fato, o videoclipe é um recorde, inclusive com projeção internacional, uma vez que produziram uma nova versão para a música acompanhada por artistas de outras nacionalidades.

De alguma forma, essa música, que tem o movimento funk como elemento principal, representa o país em outros países, pois carrega em si a marca de uma cultura expressa no seu ritmo. Assim, considerando o que foi apresentado até agora neste artigo, é possível pensá-lo na chave da cultura popular - e neste caso, o popular representa dois posicionamentos: popular por carregar em si elementos simbólicos próprios e popular pela popularidade expressa em números e marcos.

Pensando nisso, também é possível considerar o digital como um território do movimento funk, uma vez que o ambiente é amplamente utilizado por indivíduos que se identificam com este movimento cultural. Com mais de 300 mil comentários na publicação, a pequena amostragem apresentada aqui é suficiente para avaliar que as interações partem de usuários engajados que utilizam o chat como uma forma de diálogo, demonstram de estiveram ali e ocuparam aquele território.

Assim como o videoclipe, que possui números expressivos, ocupa aquele território digital, os usuários que ali estão cultuando diariamente a música também deixam seus rastros de pertencimento.

As fronteiras foram superadas, ou melhor, redesenhadas para comportar nossas singularidades, novas formas de ocupar um território, um novo território não palpável - não toca, mas se vê, se sente e se representa. O existir é simbólico, assim como a cultura. E ter um espaço onde se reúne tantos indivíduos interessados em um assunto comum, com costumes, diálogos e compartilhando afeições, demonstra um traço cultural em um espaço redesenhado com fronteiras estabelecidas pelo próprio ritmo do funk.

BIBLIOGRAFIA

BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs). **Comunicação e Cultura das Minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Les trois états du capital culturel**. Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 30, nov. p. 3-6, 1979.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Transnacionales y Culturas Populares**. In: CANCLINI, Néstor García & RONCAGLIOLO, Rafael (orgs). Cultura transnacional y culturas populares: bases teorico-metodologicas para la investigación. Lima, Peru: IPAL,1988.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

CORRÊA, Maurício de Vargas. **Interações no YouTube e capital social: estudo em um canal de divulgação científica sobre psicologia**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, 2018.

CORRÊA, Maurício de Vargas. ROZADOS, Helen Beatriz Frota. **A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação**. Artigo In: Encontros Bibli - Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Abril de 2017.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures.** New York, Basic Books inc, 1973.

DUSSEL, Enrique. **Europa, Modernidad y Eurocentrismo**. In: LANDER, Edgardo.

La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO: Buenos Aires, 2000.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologia da informação e da comunicação**. Revista Estudos Culturais, v. 1, n. 1, 25 jun. 2014.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. In: A guerra infinita. Hegemonia e terror mundial. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão.** Editora Edusp: São Paulo, 2012.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna. Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa.** Editora Vozes: Rio de Janeiro, 2011.

Referências eletrônicas

1 Bilhão de Visualizações - MC Fioti - Bum Bum Tam Tam (kondzilla.com). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q4trubRH2C4>. Acesso em: 13 jun. 2020.

Como MC Fióti usou flauta de Bach em produção caseira e transformou 'Bum Bum Tam Tam' em aposta mundial em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/como-mc-fioti-usou-flauta-de-bach-em-producao-caseira-e-transformou-bum-bum-tam-tam-em-aposta-mundial.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2020.

MC Fioti - Bum Bum Tam Tam (KondZilla) | Official Music Video. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_P7S2lKif-A>. Acesso em: 13 jun. 2020.

MC Fioti, Future, J. Balvin, Stefflon Don, Juan Magán - Bum Bum Tam Tam (Official Video). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xl4pbUfJENg>. Acesso em: 21 nov. 2020